

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ABRIR OS COFRES
28 de Junho de 2011

ALFAMA: A VELHA LISBOA / 1930

Realização e Argumento: João de Almeida e Sá / **Operador de Imagem:** Artur Costa de Macedo / **Produção:** Ulyssea Filme / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, muda com intertítulos em português / **Duração:** 25 minutos, a 20 imagens por segundo / **Estreia em Portugal:** 3 de Fevereiro de 1930, Central, Lisboa / Filme seleccionado para o V Congresso Internacional de Crítica em 1931 e Premiado com a "Medalha de Prata" na Grande Exposição Industrial Portuguesa de 1932.

GRAÇA / 1930

Realização e Fotografia: Agostinho Mendonça / **Intertítulos:** Artur Marta / **Produção:** Royal Cine (Lisboa) / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, muda com intertítulos em português / **Título alternativo:** "Agapito Serra Fernandes Apresenta o seu Bairro" / **Duração:** 14 minutos, a 18 imagens por segundo / **Estreia em Portugal:** 9 de Outubro de 1930, Royal Cine, Lisboa / Primeira exibição na Cinemateca.

LISBONNE ET LES RIVES DU TAGE / 1924

Realização: Roger Lion / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35mm, preto e branco, muda com intertítulos em francês / **Duração:** 12 minutos, a 16 imagens por segundo / Primeira exibição na Cinemateca.

LISBOA / 1955

Realização e Fotografia: Glen W. Howitt / **Produção:** Burton Holmes Travelogue / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 16mm, cor, versão portuguesa / **Duração:** 17 minutos / Primeira exibição na Cinemateca.

Duração total da projecção: 68 minutos

Esta sessão reúne quatro documentários sobre Lisboa, confrontando diferentes olhares que abarcam cerca de três décadas, embora se concentrem maioritariamente na transição dos anos 20 para os anos 30. Se o filme mais antigo, que pertence ao realizador francês Roger Lion, foi produzido em 1924, o do inglês Glen W. Howitt é já de 1955, enquanto os dois filmes portugueses datam de 1930. Versando os quatro documentários sobre o mesmo tema, a cidade de Lisboa, a origem da sua produção e dos respectivos realizadores são determinantes para a forma final de cada um, pois enquanto **Alfama: A Velha Lisboa** e **Graça** se centram nos populares bairros mencionados pelos seus nomes, Lion e Howitt insistem em aspectos mais exportáveis da cidade e com maior impacto em termos turísticos, o que é particularmente claro no filme dos anos 50.

Uma vez que a sessão se inicia com três registos lisboetas pertencentes ao período do mudo, não podemos deixar de referir que os retratos de diferentes regiões, fossem elas zonas remotas, vilas ou de cidades, eram um género muito frequente no cinema mudo, tanto em

Portugal como no estrangeiro. Organizadas maioritariamente em torno de filmes de ficção, as sessões de cinema eram habitualmente introduzidas por documentários que se dividiam em duas grandes tipologias: as actualidades propriamente ditas, que constituíam uma importante fonte noticiosa para uma população em geral, e que estariam na origem dos futuros “jornais de actualidades”; e os retratos de diferentes regiões, os herdeiros directos das “vistas Lumière”, que descreviam os locais retratados com maior ou menor detalhe, a tipologia a que pertencem os três primeiros filmes deste programa.

Alfama: A Velha Lisboa, o primeiro documentário, foi o único filme realizado por João de Almeida e Sá, tendo sido fotografado por Artur Costa de Macedo. E se Almeida e Sá é um nome relativamente desconhecido no panorama cinematográfico português, um médico e “cineasta amador” que apenas está associado a esta obra, o mesmo não podemos dizer de Costa de Macedo. **Alfama: A Velha Lisboa** é, na realidade, um documentário que deve muito à fotografia e ao trabalho do seu operador que, no final da década de 20, se havia afirmado como um dos grandes directores de fotografia, com uma produção que abarcava tanto o cinema documental, como o cinema de ficção, com grande destaque para os filmes de Leitão de Barros e de Rino Lupo. Foi Costa de Macedo que em 1918 fotografou **Malmequer** e **Mal de Espanha**, e, alguns anos depois, os mais famosos **Nazaré**, **Praia de Pescadores** (1929) e **Lisboa, Crónica Anedótica** (1930), de Leitão de Barros, ou **Mulheres da Beira** (1921) e **Os Lobos** (1923), de Rino Lupo. **Alfama** é assim mais um filme que confirma a vocação de um director de fotografia que, como tantos outros, deu os primeiros passos nessa arte através da prática da fotografia amadora (Costa de Macedo começara por ser mecânico de profissão).

Como acontecia em tantos outros filmes fotografados por Costa de Macedo, **Alfama** é palco de inúmeras experiências ao nível das técnicas cinematográficas e é mais um exemplo do importante trabalho de contrastes que Costa de Macedo trouxe ao cinema português. **Alfama** destaca-se não só pelo desenho que faz da cidade de Lisboa que, como é anunciado no cartão de entrada, ultrapassa em muito a “frieza do casario” (embora a arquitectura seja o aspecto que ocupa a quase totalidade dos seus minutos iniciais), como pelos recursos que utiliza para a realização desse mesmo retrato. Aqui encontramos as vetustas fachadas das casas, o pitoresco da roupa estendida, o agitado quotidiano de varinas e aguadeiros, mas também as crianças a brincar na rua e os gatos deitados ao sol. Imagens que nos revelam um retrato realista de uma Lisboa pobre, e que traduzem a inventividade de Costa de Macedo, cuja câmara, em muitos momentos, é dotada de uma enorme mobilidade. Travellings, panorâmicas horizontais e verticais, movimentos com câmara à mão, picados, contra-picados, imagens invertidas, e até os mais inusitados planos subjectivos, aproximam **Alfama** das tão célebres sinfonias urbanas, de final dos anos 20 e início dos anos 30, que revelavam um cinema entendido como expressão artística, cujo exemplo maior em Portugal seria **Douro, Faina Fluvial** (1931), de Manoel de Oliveira, filme em sintonia profunda com as sinfonias de Walter Ruttmann, Dziga Vertov ou Joris Ivens

Menos ambiciosos, os restantes filmes da sessão revelam uma menor originalidade formal e um maior conservadorismo, presentes não só nas suas imagens, como nos textos que as acompanham, que apenas contribuem para a cristalização de tudo o que mostram. Realizado, como **Alfama: A Velha Lisboa**, em 1930, **Graça** apresenta a curiosidade de, no retrato mais convencional que faz do bairro da Graça, nos revelar a personagem de Agapito Serra Fernandes e a “linda vivenda” que mandou construir, sendo este o proprietário do Royal Cine, o cinema que produziu e acolheria a estreia do filme. Facto que estaria na origem de um título alternativo que o documentário conheceu: *“Agapito Serra Fernandes Apresenta o seu Bairro”*. Assinado por Agostinho Mendonça, este filme revela-nos sobretudo os vários locais de interesse turístico da Graça, das igrejas aos jardins, passando pelos miradouros e a imprescindível Feira da Ladra. Pelas suas características e pela presença de planos gerais sobre a paisagem revelada num movimento lateral, **Graça** é bem demonstrativo do motivo porque filmes como este ficariam conhecidos como “panorâmicas”.

Também do período do cinema mudo, o filme de Roger Lion foi claramente realizado para um público francês, fazendo parte de uma série que engloba outro filme sobre a cidade do Porto, que recentemente passou a fazer parte da colecção da Cinemateca. Abrindo também este

documentário com uma panorâmica sobre o “casario” de Lisboa, **Lisbonne e les Rives du Tage** revela-nos ainda a azáfama vivida por pescadores e varinas nas margens do rio, o pitoresco dos bairros populares do “Pequeno Estado Português”, mas também o Castelo de S. Jorge e a imponência do mosteiro dos Jerónimos. Apresentando-nos um filme de pendor mais turístico que os anteriores, Lion revela aqui as suas qualidades como realizador, bem como o seu conhecimento da realidade portuguesa pois, um ano antes, havia realizado em Portugal dois filmes de ficção com produção nacional: **A Sereia de Pedra** e **Os Olhos da Alma**.

Sendo sonoro e a cores, o último filme da sessão foi produzido pela Burton Holmes Travelogue e inscreve-se no contexto de vários filmes que Howitt realizou sobre várias regiões portuguesas, dos Açores ao Algarve. Com propósitos assumidamente comerciais, **Lisboa** retrata a faina portuária da cidade que, nos anos 50, estava em plena ebulição, mas também zonas e actividades emblemáticas como o Terreiro do Paço, o Rossio, a Lisboa moderna das Avenidas Novas, e a Lisboa das casas de fado e do vinho do Porto. Objectivamente menos interessante e menos arriscado que os filmes anteriores, este é mais um contributo indispensável para a constituição de um *corpus* de imagens de uma cidade, que nesta sessão se apresentou em toda a sua pluralidade.

Joana Ascensão